

NOTA

A SOCIOLOGIA ECONÓMICA EM PORTUGAL

João Peixoto e Rafael Marques

Resumo A sociologia económica é, actualmente, uma das áreas de investigação em maior expansão no quadro da reflexão sociológica. Tendo essa realidade em consideração, este texto procura avaliar a situação actual da disciplina em Portugal. Num primeiro momento, equaciona-se o seu quadro de referência institucional, recuperando as investigações que recorrem de forma explícita ao rótulo de sociologia económica, ou que procuram explorar elos de ligação directa entre a economia e a sociologia. De seguida, são referidos outros temas de estudo intimamente relacionados: a sociologia industrial e do trabalho, a economia informal, os contextos territoriais de produção e as elites económicas e empresariado, entre outros.

Palavras-chave Sociologia económica, sociologia, ciências sociais, Portugal.

A sociologia económica é, actualmente, uma das áreas de investigação em maior expansão no quadro da reflexão sociológica.¹ São disso testemunhos as publicações recentes de manuais, antologias e textos programáticos, oriundos de vários espaços geográficos e de diversas orientações teóricas (ver, por exemplo, Smelser e Swedberg, 1994; Steiner, 1999; Granovetter e Swedberg, 2001; Biggart, 2002; Fligstein, 2001; Lévesque e outros, 2001; Mingione, 1997; Radaev, 2000; Trigilia, 1998; Bourdieu, 2000). Em boa verdade, *sociologia económica* tornou-se um termo resumo que colige contribuições oriundas de quadros conceptuais muito distintos, mas que podem ser unificadas por uma mesma preocupação e por uma mesma recusa. A preocupação comum reside no desejo de ultrapassar as décadas de afastamento e desdém recíproco que separaram economistas de sociólogos, sobretudo entre as décadas de 1930 e de 1970 do século XX. Há crescentemente a consciência de que existe um terreno vasto destinado à colaboração entre cientistas dos dois campos disciplinares, que não terá necessariamente de conduzir nem a uma tomada hostil do controlo de uma disciplina pela sua rival, nem a uma esterilização cruzada que resultasse da adopção das linguagens da concorrente.

Quanto à recusa, ela diz sobretudo respeito à suspeição que quase todas as sociologias económicas (com excepção da sociologia das escolhas racionais) votam

1 Uma primeira versão deste texto foi publicada na *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 3 (1), Outubro de 2001. Gostaríamos de agradecer a Sara Falcão Casaca e a José Manuel Mendes, bem como a vários colegas do Socius, as sugestões relativas a essa versão. Os agradecimentos são extensíveis a Pedro Abrantes, que traduziu o original em língua inglesa. Em relação à actual versão, devemos agradecer os comentários de dois *referees* anónimos. Os erros e insuficiências existentes são apenas da responsabilidade dos autores.

ao paradigma da racionalidade e à maioria das leituras neoclássicas. É bem evidente que a sociologia económica norte-americana, também conhecida por “nova sociologia económica”, que se desenvolveu sobre os trabalhos pioneiros de Harrison White (1981) e de Mark Granovetter (1985), e que elege como pedra de toque um modelo teórico interaccionista que faz das redes sociais, do conceito de incrustação, do tema da confiança e, sobretudo, das relações sociais o seu cavalo de batalha (ver Marques e Peixoto, 2003), está muito afastada da sociologia do económico de Bourdieu, toda ela conduzida em nome de posições estruturais, disposições dos actores e mobilização de capitais múltiplos (ver Marques, 2002b). É também claro que a sociologia económica italiana de Bagnasco (1988) ou Trigilia (1998), com a sua ênfase nos modelos industriais e nos percursos alternativos de desenvolvimento das três Itálias, é mais solidária de um programa de economia política do que de um quadro analítico de sociologia económica. O mesmo se poderia afirmar, aliás, das sociologias económicas do Leste europeu, quase sempre condicionadas por problemas palpáveis do quotidiano dos actores sociais submetidos aos esforços e às penas das economias de transição. Neste caso, a preocupação social que orienta a pesquisa e a teorização é, em grande medida, o fruto de uma experiência diária.

Mas, apesar de todas estas diferenças de método e de prioridades, é irrecusável que a sociologia económica se tornou num imperativo para a teoria social deste virar do século. A colonização que o económico, e a ideologia mercantil, têm vindo a exercer sobre todas as esferas da vida social não se compadece com o esquecimento cultivado a que os teóricos dos anos 50 votaram este interface. As épocas de profunda transformação económica e social exigem convergência de esforços por parte de sociólogos e economistas, no sentido de compreender os mecanismos sociais subjacentes à ordem política, social e económica das sociedades de hoje, explicar as forças e as “mãos” que operam nos mercados, nas indústrias e nas organizações contemporâneas e marcar a evolução previsionial dos fenómenos económicos e sociais que condicionam as nossas existências. Compreender, explicar e prever, são estas as formas científicas que aproximam aqueles a quem tudo parece condenar ao afastamento. Independentemente dos métodos, das profissões de fé e dos ideários de referência, parece insofismável que existe, como existia há 100 anos, uma seara teórica à espera de dar os seus frutos. As condições sociais que possibilitaram a edificação dos primeiros esforços de sociologia económica no final de oitocentos são mimetizadas pelas condições de finais de novecentos, restando aguardar que as magistrais descrições de Simmel, Weber, Sombart, Durkheim, Veblen e Pareto possam encontrar os seus epígonos, um século mais tarde.

É neste contexto que um breve excurso sobre as modalidades da sociologia económica em Portugal faz sentido. Importa saber até que ponto os debates recorrentes deste e do outro lado do Atlântico tiveram eco na realidade académica portuguesa.² Existe alguma originalidade e algum carimbo distintivo das sociologias

2 Para uma marcação dos pontos de convergência e de divergência entre as sociologias económicas americana e europeia, veja-se Marques e Peixoto (no prelo), Peixoto e Marques (2001), Barbera (2000), Beckert (2000), Dodd (2000), Heilbron (1999 e 2001), Izquierdo (2001), Korver (2001), Nollert (2002), Róna-Tas (2002), Yakubovich e Yaroshenko (2000).

económicas feitas em Portugal? Será que, à imagem da sociologia económica no Reino Unido, os trajectos portugueses são marcados por uma simples variação nos temas tradicionais das sociologias industrial e do trabalho? Será que a influência durável do espaço francófono nos meios sociológicos portugueses fez da variante portuguesa uma caixa de ressonância dos debates de além-Pirinéus? Será que encontramos, em Portugal, as motivações que conduziram a escolas alternativas como a economia das convenções, a economia da regulação ou o movimento antiutilitarista para as ciências sociais (MAUSS), ou será que a sociologia económica, em versão portuguesa, é ainda demasiadamente embrionária para poder ser considerada uma escola? Será que o atraso secular de Portugal e os recorrentes debates sobre a crise e a decadência ofereceram oportunidades de aproximação aos temas desenvolvimentistas? Será que o espectro de uma desigualdade rompedora transformou a sociologia económica num longo debate sobre questões de estratificação? Não será verdade que o carácter titubeante da sociologia económica portuguesa pode ser explicado pelas próprias condições históricas que estiveram na base da construção da disciplina mãe? Foi com base nestas e noutras questões paralelas que nos abalançámos a produzir este pequeno texto introdutório que é, contudo, mais um registo da história dos fluxos e refluxos de uma reflexão teórica do que uma cabal resposta aos dilemas enfrentados pela disciplina em território nacional.

Este texto procura, pois, avaliar a situação actual da sociologia económica em Portugal. Num primeiro momento, equaciona-se o quadro de referência institucional da disciplina, recuperando as investigações que recorrem de forma explícita ao rótulo de sociologia económica, seguindo, ou não, explicitamente as contribuições teóricas mais recentes, ou que procuram explorar elos de ligação directa entre a economia e a sociologia. De seguida, são referidos outros temas de estudo intimamente relacionados, mas que não se apresentam (ou nem sempre são encarados) como inseridos na sociologia económica: a sociologia industrial e do trabalho, a economia informal, os contextos territoriais de produção e as elites económicas e empresariado, entre outros. Dado o estatuto fragmentado da investigação nesta área, deve-se tomar como provisória a lista de autores e temas apresentada.

A sociologia económica institucionalizada

Em Portugal, a sociologia apenas se institucionalizou por completo após 1974, acompanhando o processo de democratização política. Considerando os graus académicos ou as áreas temáticas de investigação, nota-se que algumas especialidades têm sido muito estáveis, como por exemplo a sociologia industrial e do trabalho, a sociologia urbana e do território, a sociologia da educação ou a sociologia da família. Pelo contrário, o campo da sociologia económica raramente é mencionado. Existem todavia algumas excepções. Em termos formais e institucionais, o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), da Universidade Técnica de Lisboa, pode-se considerar o espaço de referência da sociologia económica em

Portugal. Desenvolveu, respectivamente a partir de 1991 e 1992, programas de doutoramento e de mestrado em “sociologia económica e das organizações”; e criou, em 1991, o Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (Socius).³ Outras instituições promotoras deste novo campo de investigação incluem: a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde o doutoramento em sociologia inclui uma especialidade em “sociologia histórica e económica” (e o doutoramento em economia inclui uma especialidade em “estruturas sociais da economia e história económica”); o Instituto de Ciências Sociais (ICS), da Universidade de Lisboa, onde a “sociologia económica e do desenvolvimento” constitui uma das linhas de investigação mais fortes; e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde a licenciatura em sociologia inclui uma área temática de “sociologia económica, das organizações e das inovações”. Fora das referidas instituições, o rótulo de sociologia económica é raramente utilizado. No entanto, deve-se enfatizar que a institucionalização do campo em algumas das principais faculdades de economia e gestão portuguesas não significa que o diálogo ou que a investigação conjunta entre a sociologia e a economia sejam frequentes.

Enquanto a sociologia económica é hoje uma área com um número reduzido de investigadores, ao longo dos anos 60 parecia caminhar-se para um projecto mais ambicioso. A revista fundadora da sociologia moderna, *Análise Social*, estipulou nos seus primeiros números o objectivo de ligar a economia e a sociologia. Num editorial publicado em 1964, na ocasião do 50.º aniversário do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF, actual ISEG), os editores declararam a intenção de: “prestar algum contributo válido para um alargamento do âmbito dos estudos sobre desenvolvimento económico em Portugal; abrir o leque dos temas discutidos; fazer entrar, na análise dos factos e na determinação dos problemas, variáveis ainda não consideradas” (AA.VV., 1964: 403). Neste sentido, faziam um apelo ao “diálogo interdisciplinar”.⁴

Alguns dos artigos publicados ao longo dos anos 60 pela *Análise Social* deixam transparecer este objectivo. Dois números especiais foram dedicados ao tema do desenvolvimento: um em 1964, sobre os aspectos sociais do desenvolvimento; outro em 1969, sobre as suas vertentes social e institucional (AA.VV., 1964 e 1969). Embora a reflexão fosse dirigida para o caso português, o debate era frequentemente inspirado nas teorias da modernização e do desenvolvimento, muito

3 São também ministradas no ISEG disciplinas de “sociologia económica” e de “sociologia dos mercados financeiros” para estudantes das licenciaturas de economia, gestão e finanças. O desenvolvimento da sociologia económica no ISEG resulta, por um lado, da tradição da escola na abordagem social da economia e, por outro, do papel activo desempenhado por alguns dos sociólogos que aí leccionam, nomeadamente José Maria Carvalho Ferreira e Ilona Kovács.

4 Contudo, convém lembrar o contexto específico em que esta proposta foi lançada. O objectivo não seria tanto reconciliar a economia e a sociologia, visto que a última quase não existia, mas escapar aos constrangimentos institucionais que impediam a expansão da sociologia e conceder aos estudos económicos (e aos debates políticos) uma dimensão social. A posição crítica destes autores e a doutrina social católica que muitos deles partilhavam eram favorecidos por uma perspectiva social mais abrangente.

divulgadas nos anos 60. Entre outras contribuições mais relevantes, destacam-se as de Adérito Sedas Nunes, economista de formação e considerado o pai fundador da sociologia moderna em Portugal. Este escreveu em 1963 sobre a perspectiva sociocultural do desenvolvimento económico. Aí, argumentava que o desenvolvimento estava ligado a um conjunto de variáveis não económicas: estrutura social (grupos sociais), cultura e modo de organização (interesses colectivos e poder) (Nunes, 1963). Em 1964, estudou o “dualismo” da sociedade portuguesa, isto é, a conjugação de sectores modernos e tradicionais, tanto a nível geográfico, social como económico. Este dualismo impedia não apenas um desenvolvimento mais amplo do país como também um crescimento económico estrito (Nunes, 1964). Mais tarde, Sedas Nunes escreveu acerca das bases teóricas do pensamento científico social moderno, incluindo a sociologia; e produziu ensaios clarividentes sobre a sociedade portuguesa, incluindo o tema da estratificação social.

Um outro autor que podemos destacar é Alfredo de Sousa, também economista. Entre outros temas, este escreveu acerca das novas classes sociais baseadas no conhecimento (1968) e sobre a concepção económica e social do desenvolvimento (1969) (em textos anteriores, abordou a ligação entre economia, sociedade e cultura nas sociedades africanas e as concepções do tempo como factor cultural do desenvolvimento económico). No texto de 1969, argumentou que o funcionamento das economias poderia apenas ser entendido tomando em conta as variáveis económicas, sociais e políticas. Ainda na década de 1960, a *Análise Social* publicou um artigo de Jean Cuisennier (1965) que propunha uma “sociologia da economia”, na esteira de outros textos editados nessa época. Este último enfatizava a importância crucial que as variáveis sociais e o comportamento dos agentes tinham para o planeamento.

Após 1974, aprofundou-se o processo de especialização das ciências sociais e reduziram-se os esforços de “diálogo” interdisciplinar. Uma breve análise das principais revistas sociológicas em Portugal encontra poucas referências que relacionem directamente a economia e a sociologia, ou que mencionem explicitamente a sociologia económica. Entre as principais excepções está um artigo de Ilona Kovács (1985), do ISEG, que clama por um diálogo fértil entre a economia e a sociologia como forma de responder às complexidades e incertezas que marcam os tempos actuais e satisfazer a necessidade de um conhecimento integrado. Alguns artigos publicados nos *Cadernos de Ciências Sociais*, por autores como José Manuel Moreira (1986), da Universidade do Porto, defendem uma revisão dos pressupostos básicos da economia dominante, em especial o conceito de racionalidade, a metodologia positivista e a ruptura com as normas e ética sociais. João Freire (1991), do ISCTE, propõe que se desenvolva investigação em sociologia da vida económica, centrando-se na produção, no consumo, na iniciativa empresarial e nos sistemas financeiros (o seu objectivo era ligar estes temas com a eventual “democratização” da economia).⁵ João Arriscado Nunes, da Universidade de Coimbra, foi o mais prolífico, escrevendo artigos sobre a tipologia dos modos sociais e económicos de

5 Para uma actualização deste texto, veja-se Freire (2002).

regulação desenvolvida por Polanyi, reflectindo sobre a solidariedade social baseada na reciprocidade e teorizando sobre a sociologia da ciência económica (Nunes, 1993, 1994, 1995, 1996 e 1998). Por fim, autores como Adelino Torres (1998), José Luís Cardoso (1993), Francisco Louçã (1997, e em colaboração com Perlman, 2000), António Almodôvar (1990, 1995) e Fernando Catroga (Catroga e outros, 1996) têm explorado o tema das relações entre o pensamento económico e o pensamento sociológico.⁶

Tomando em consideração a investigação mais recente que recorre explicitamente ao rótulo de sociologia económica e a alguns dos seus quadros teóricos de análise, observa-se, sem surpresas, que a maior parte é realizada no ISEG e, nomeadamente, no Socius. Enquanto parte desse trabalho se baseia em eixos mais tradicionais de pesquisa, como a sociologia industrial e do trabalho, algumas investigações correspondem mais aproximadamente àquilo que hoje se reconhece como sociologia económica. Neste último caso, pensamos especialmente nas pesquisas conduzidas por: José Maria Carvalho Ferreira (no prelo), sobre as organizações do terceiro sector; João Peixoto (1999), sobre a mobilidade internacional dos quadros altamente qualificados; Anabela Carvalho (1999), sobre os empresários étnicos de origem indiana e islâmica; Maria João Santos (2001), sobre as transformações da produção no contexto do desenvolvimento local; João Carlos Graça (2002), sobre o pensamento de José Frederico Laranjo (um cientista social português dos finais do século XIX e princípios do século XX); Rafael Marques (2002a), sobre uma teoria geral da reciprocidade; Rita Raposo (2002), sobre os condomínios fechados como um processo de consumo social e económico; e Marta Varanda (2002), sobre os problemas da acção colectiva entre os pequenos empresários do sector do comércio tradicional (estudo pioneiro no uso da análise das redes em Portugal).⁷ Alguns deles prepararam a primeira antologia sobre nova sociologia económica publicada em língua portuguesa (Marques e Peixoto, 2003).

Foi também o Socius a organizar os primeiros encontros científicos inteiramente dedicados a esta área de estudos. O primeiro consistiu num *workshop* em 1995 e deu origem a um livro intitulado *Entre a Economia e a Sociologia* (Ferreira e outros, 1996). Esta obra é composta por vários capítulos, que se dedicam à pesquisa histórica dos pensamentos económico e sociológico, debates teóricos sobre a actual sociologia económica e análises teóricas e empíricas de campos relacionados —

6 A este nível convirá destacar o trabalho que resulta da colaboração entre Almodôvar e Cardoso (1998). Embora formalmente dedicado à história do pensamento económico português, o investigador em sociologia económica encontrará, nesta obra, vários pontos de interesse para a marcação de um itinerário da sociologia económica nacional.

7 Outras investigações relevantes produzidas no âmbito do Socius, embora em ramos institucionalmente mais diferenciados da sociologia, são as de: Ilona Kovács (2002), sobre os novos modelos de produção e de organização do trabalho; Maria da Conceição Cerdeira (1997), sobre as relações industriais e o sindicalismo; Sara Falcão Casaca (Casaca e Kovács, 2000), sobre o género e as modalidades flexíveis de emprego; Helena Serra (2000), sobre as relações de poder na profissão médica baseadas no uso de tecnologias; Sofia Bento (Bento e Araújo, no prelo), sobre as controvérsias sociais acerca da tecnologia; e Helena Jerónimo (2002), sobre ciência, ética e religião.

valores e desenvolvimento, pobreza e exclusão, migrações, empresarialidade. Uma perspectiva particular é aquela que resulta dos capítulos de João Arriscado Nunes (1996) e Carlos Gonçalves (1996) (Universidade do Porto), ambos sobre sociologia da ciência económica. A partir de trabalhos anteriores, Nunes discute o impacto cultural do discurso económico, defendendo que este desempenha hoje o papel de retórica dominante (paralelizando as contribuições teóricas de McCloskey e de Klamer). Gonçalves assinala a institucionalização lenta e incompleta da profissão de economista (seguindo os parâmetros teóricos desenvolvidos por Boltanski sobre a construção social das profissões), que contrasta fortemente com o seu forte sucesso simbólico.

Posteriormente, em 1998, o Socius organizou o 1.º Congresso Português de Sociologia Económica, que juntou cerca de 600 participantes e vários oradores destacados, nacionais e internacionais. Neste último caso, estiveram presentes autores estreitamente ligados à sociologia económica contemporânea, tais como Richard Swedberg, Neil Fligstein, Mitchell Abolafia, Nicole Woolsey Biggart, Philippe Steiner, Nigel Dodd e Jens Beckert. Deve ser sublinhado que o sucesso (pelo menos em número de participantes) do encontro foi parcialmente explicado pelo horizonte largo no qual a sociologia económica foi concebida. Os principais temas do congresso foram: teorias e perspectivas; análise comparada dos processos e instituições económicas e sociais; território, ambiente e população; desigualdades sociais e economia; estado, instituições e agentes colectivos; organizações e mercados; cultura e economia. Algumas das críticas que o congresso recebeu resultaram, precisamente, de por vezes se assemelhar a um encontro de sociologia geral — um problema que a natureza difusa da sociologia económica contribui para explicar.

Outras contribuições temáticas

Ainda que não possa ser directamente rotulada de “sociologia económica”, a sociologia industrial e do trabalho é, sem dúvida, a área mais próxima entre aquelas que adquiriram um grau elevado de institucionalização na sociologia portuguesa. Dispõe de cursos ou ramos de licenciaturas e pós-graduações, revistas específicas, um fluxo constante de investigação, encontros científicos e uma associação profissional (Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho — APSIOT). Ao contrário da sociologia económica, diversos autores traçaram já as coordenadas e realizaram revisões da investigação realizada nesta área (Rodrigues e Lima, 1987; Stoleroff, 1992a e 1992b; Freire, 1998; Ferreira e Costa, 1998/1999). Todos os analistas da sociologia portuguesa admitem que este é um dos campos mais fortes da disciplina e também um dos mais antigos, apesar de se dever aqui distinguir a sociologia do trabalho (mais madura) e a sociologia das organizações (mais recente). O momento exacto de fundação do campo é controverso: alguns argumentam que as questões laborais e do trabalho eram já uma importante problemática nos anos 60 (Rodrigues e Lima, 1987); outros consideram

que 1974 proporcionou uma ruptura no campo, devido à emergência de novos temas de pesquisa e novas perspectivas teóricas (Stoleroff, 1992a).

Os temas específicos abordados nesta área variam. Logo após 1974, estudou-se sobretudo a classe operária, as suas reivindicações, actividades sindicais e ligações políticas. Neste período, prevaleceu uma combinação do estruturalismo marxista com uma perspectiva baseada na acção (inspirada sobretudo em Touraine). Foram também objectos de pesquisa as cooperativas e iniciativas de autogestão; as relações entre a tecnologia, a organização do trabalho e a formação; e a história do movimento operário. A partir dos anos 80, novos temas começaram a emergir. Neste lote encontram-se as questões do emprego, do desemprego e da flexibilização das relações laborais (Rodrigues, 1988, entre outros); a mudança tecnológica (incluindo as novas tecnologias da informação), a organização do trabalho, os padrões de qualificação e a formação; os modelos de produção (tecnocêntrico e antropocêntrico — Kovács e Castillo, 1998); as desigualdades nos mercados de trabalho (incluindo a dimensão do género); a regulação institucional das relações laborais; e a sociologia das profissões. Alguns dos autores mais proeminentes nestes campos são João Freire (1997 e 1998), Ilona Kovács (2002), António Brandão Moniz (1992 e Moniz e Kovács, 1997), José Baptista (Baptista e outros, 1985), Maria Filomena Mónica (1982), Maria João Rodrigues (1988), Marinús Pires de Lima (Lima e outros, 1992), Maria Teresa Rosa (1998), Maria da Conceição Cerdeira (1997), Alan Stoleroff (1992a e 1992b), Maria de Lurdes Rodrigues (1999) e Carlos Gonçalves (1996 e 1998).

Outros campos de investigação próximos da sociologia económica têm estado igualmente activos. Em primeiro lugar, são de referir as pesquisas sobre a economia informal. Alguns estudos desenvolvidos no início da década de 1980 encontraram no país uma proporção significativa de actividades económicas informais ou subterrâneas. Os sinais eram evidentes: os indicadores macroeconómicos sugeriam um período de crise profunda, enquanto o consumo e o bem-estar individuais estavam a aumentar. Um dos pioneiros da pesquisa neste campo foi Manuel Villaverde Cabral (1983), do ICS. Estudando sobretudo os contextos rurais industrializados, o autor descobriu que os agentes combinavam estratégias no mercado de trabalho urbano e industrial, na agricultura a tempo parcial e nos benefícios concedidos pelo estado. No seu entender, “o meio rural é, efectivamente, riquíssimo de estratégias insuspeitadas pela ciência macroeconómica” (1983: 222). Posteriormente, Lobo (1985) generalizou esta proposta a outros contextos, salientando também as ligações da economia informal com as estruturas sociais e económicas e admitindo as cumplicidades dos agentes nas actividades informais: empresários, trabalhadores e suas famílias. Muitos outros sociólogos e economistas, incluindo Maria João Rodrigues, desenvolveram também pesquisas sobre este tema.

Em segundo lugar, cresceu uma perspectiva de certa forma relacionada. A pesquisa sobre contextos territoriais de produção tem reunido contributos de sociólogos, economistas e geógrafos. O seu objectivo foi revelar particularidades regionais e locais nos modos de produção, regulação e consumo. Investigações realizadas por Boaventura de Sousa Santos (1985) e José Reis (1992), da Universidade de Coimbra, e Fernando Medeiros (1992), da Universidade de Paris e do ISEG,

avançam neste sentido. Santos recolheu um vasto conjunto de indicadores regionais, defendendo que o modo de produção capitalista nem sempre era acompanhado por uma forma de reprodução social baseada nos salários. Ainda que territorialmente específicas, podiam coexistir estratégias relativas a salários, agricultura a tempo parcial, aplicações financeiras (muitas delas resultantes das remessas dos emigrantes) e benefícios concedidos pelo estado. Reis, um economista, estudou o sistema de produção local do litoral-centro do país, seguindo uma linha de pesquisa próxima da abordagem dos distritos industriais (pouco depois, o autor explorou as ligações entre o estado e a economia — Reis, 1997). Medeiros teorizou acerca da especificidade dos países da Europa meridional enquanto “sociedades de espaços múltiplos”, com formas variáveis de estruturação social e económica a nível local. Outras contribuições relevantes referentes a estes temas são as de João Ferrão (1992) e Rogério Roque Amaro (1991).

Em terceiro lugar, os estudos sobre elites económicas e empresariado possuem alguma tradição. Ainda na década de 1960, um trabalho pioneiro de Harry Makler (1969) acerca da “elite industrial” em Portugal (baseado na sua dissertação de doutoramento apresentada na Universidade de Columbia em 1968) estabeleceu as coordenadas do campo. O autor estudou as características sociais e os desempenhos profissionais dos agentes que controlavam as grandes empresas industriais, considerando duas abordagens à empresa: uma tradicional e outra de “gestão”. Desde o final dos anos 80, o campo recuperou dinamismo com as pesquisas de Manuela Silva, José Luís Cardoso e outros (Silva, 1989, e Cardoso e outros, 1990), Ana Nunes de Almeida, João Ferrão e José Manuel Sobral (1994), Maria das Dores Guerreiro (1996) e Manuel Lisboa (2002), entre outros. Silva e os seus colaboradores desenvolveram uma investigação sobre empresários e gestores da indústria transformadora, estudando as suas características, atitudes e comportamentos. Almeida, Ferrão e Sobral aplicaram uma perspectiva mista sobre a empresarialidade, combinando espaço, classes sociais e família. Guerreiro investigou pequenas empresas e a relação entre empresa e estratégias familiares. Lisboa procedeu a uma avaliação esclarecedora dos perfis e características dos dirigentes de vários sectores industriais, ilustrando as diferentes condicionantes que moldaram as acções e as estratégias do empresariado luso na segunda metade do século XX. Maria Filomena Mónica (1990), Nelson Lourenço (1991) e Mafalda Cardim (1998) foram outros dos autores a desenvolver trabalhos nesta área.

Deve-se ainda mencionar um conjunto de outras linhas de investigação, quer melhor institucionalizadas, quer emergentes. Estas incluem: exclusão social e indicadores de pobreza, representada por autores como José Pereirinha (1996), Alfredo Bruto da Costa (1998), Amílcar Moreira (2001) e Carlos Farinha Rodrigues (1994); organizações do terceiro sector, por Carlos Barros (Barros e Santos, 1999) e Paulo Variz (1998); estado e acção colectiva, por Paulo Trigo Pereira (1996); regulação institucional da economia, por Manuel de Lucena e Carlos Gaspar (1991), Maria Manuel Leitão Marques e António Casimiro Ferreira (1991); estudos de desenvolvimento, por Jochen Oppenheimer (1996) e Adelino Torres (1996), entre outros investigadores do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CESA), ISEG; valores, atitudes e desenvolvimento, por Manuel Villaverde Cabral (1996, e Cabral

e outros, 1993); migrações e mercados de trabalho, por Maria Ioannis Baganha (Baganha e Peixoto, 1996) e Margarida Marques (1999); economia e sociologia da cultura, por Pedro Costa (1999), João Teixeira Lopes (1998), Eduardo Esperança (1997) e Maria de Lurdes Lima dos Santos (1995); estudos sobre o consumo, por Cristina Matos (1996) e José Peixoto Viseu (2001), este último com uma aplicação empírica ao desporto; e usos sociais do tempo, por Emília Araújo (Bento e Araújo, no prelo).

Por fim, são de referir alguns estudos recentes desenvolvidos sobretudo por economistas. No âmbito do projecto Normec (*The Normative Dimensions of Action and Order*: ver <http://www.dinamia.iscte.pt/>), José Maria Castro Caldas, Helena Lopes e demais investigadores do Dinâmia têm desenvolvido um interessante trabalho que se move nas fronteiras entre a economia e a sociologia. Este projecto sublinha a importância das dimensões normativas nos planos da acção e da ordem socioeconómica. No seu plano de intenções, os proponentes declaram expressamente que esperam “que a reformulação das concepções de acção e de ordem predominantes em economia possa ajudar a conceber novas abordagens acerca das condições institucionais que favorecem a participação da sociedade civil nas actividades que promovem a satisfação de necessidades colectivas”. A investigação desenvolvida nas áreas da modelização e da simulação, bem como as aproximações à economia experimental têm revelado vários pontos de convergência com as actuais preocupações da sociologia económica. Também no campo da economia experimental, Paulo Trigo Pereira, Nuno Silva e João Andrade e Silva (2002), com base numa experiência conduzida recentemente pelos dois primeiros, testaram a capacidade de resistência da prática de reciprocidade em ambientes hostis, assinando os desvios existentes entre os resultados experimentais e a chamada teoria padrão.

Referências bibliográficas

- AA.VV. (1964), “Aspectos sociais do desenvolvimento económico em Portugal”, *Análise Social*, 2 (7-8).
- AA.VV. (1969), “O desenvolvimento em Portugal: aspectos sociais e institucionais”, *Análise Social*, 7 (27-28).
- Abolafia, Mitchel Y. (1996), *Making Markets: Opportunism and Restraint on Wall Street*, Cambridge/Londres, Harvard University Press.
- Almeida, Ana Nunes de, João Ferrão, e José M. Sobral (1994), “Territórios, empresários e empresas: entender as condições sociais da empresarialidade”, *Análise Social*, 29 (125-126), pp. 55-79.
- Almodôvar, António (org.) (1990), *Estudos Sobre o Pensamento Económico em Portugal*, Porto, Faculdade de Economia da Universidade do Porto.
- Almodôvar, António (1995), *A Institucionalização da Economia Política em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.

- Almodôvar, António, e José Luís Cardoso (1998), *A History of Portuguese Economic Thought*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- Amaro, Rogério Roque (1991), "Lógicas de espacialização da economia portuguesa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 10, pp. 161-182.
- Baganha, Maria Ioannis, e J. Peixoto (1996), "O estudo das migrações nacionais: ponto de intersecção disciplinar", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 233-239.
- Bagnasco, Arnaldo (1988), *La Costruzione Sociale del Mercato*, Bolonha, Il Mulino.
- Baptista, José, e outros (1985), *Uma Gestão Alternativa: Para uma Sociologia da Participação nas Organizações, a Partir de uma Experiência Portuguesa*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Barbera, Filippo (2000), "Economic sociology in Italy", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 1 (2), pp. 13-18.
- Barros, Carlos, e J. C. Gomes Santos (orgs.) (1999), *Cooperativismo, Emprego e Economia Social*, Lisboa, Editora Vulgata.
- Beckert, Jens (2000), "Economic sociology in Germany", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 1 (2), pp. 2-7.
- Bento, Sofia, e Emília Araújo (no prelo), *Teletrabalho e Aprendizagem Organizacional: Contributos para uma Problematização*, Lisboa, F. C. Gulbenkian.
- Biggart, Nicole Woolsey (2002), *Readings in Economic Sociology*, Malden/Oxford, Blackwell.
- Bourdieu, Pierre (2000), *Les Structures Sociales de L'Économie*, Paris, Seuil.
- Cabral, Manuel Villaverde (1983), "A economia subterrânea vem ao de cima: estratégias da população rural perante a industrialização e a urbanização", *Análise Social*, 19 (76), pp. 199-234.
- Cabral, Manuel Villaverde (1996), "Sociedade e desenvolvimento económico: uma proposta teórico-metodológica", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 184-207.
- Cabral, Manuel Villaverde, e outros (1993), *Sociedade, Valores Culturais, Desenvolvimento*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento / Publicações Dom Quixote.
- Cardim, Mafalda (1998), "Redes sociais e empresarialismo em Portugal", comunicação ao *I Congresso Português de Sociologia Económica*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Cardoso, José Luís (1993), "Valor e valores na ciência económica", *CTS — Ciência, Tecnologia, Sociedade*, 19/20, pp. 39-44.
- Cardoso, José Luís, J. M. Brandão de Brito, Fernando Ribeiro Mendes, e Maria de Lurdes Rodrigues (1990), *Empresários e Gestores da Indústria em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Carvalho, Anabela Soriano (1999), *O Empresariado Islâmico em Moçambique no Período Pós-colonial: 1974-1994*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Casaca, Sara Falcão, e I. Kovács (2000), "Evolução dos temas em gestão e SIOT: modas, rivalidades e influências", *Organizações e Trabalho*, 24, pp. 29-45.
- Catroga, Fernando, Luís Reis Torgal, e J. Maria Amado Mendes (1996), *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Cerdeira, Maria da Conceição (1997), *A Evolução da Sindicalização Portuguesa de 1974 a 1995*, Lisboa, MQE-CICT.
- Costa, Alfredo Bruto da (1998), *Exclusões Sociais*, Lisboa, Gradiva.

- Costa, Pedro (1999), "Efeito do 'meio' e desenvolvimento urbano: o caso da fileira da cultura", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 29, pp. 127-149.
- Cuisennier, Jean (1965), "Instrumentos e tarefas para uma sociologia da economia", *Análise Social*, 3 (9-10), pp. 103-116.
- Dodd, Nigel (2000), "Economic Sociology in the UK", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 2 (1), pp. 3-12.
- Esperança, Eduardo J. (1997), *Património e Comunicação: Políticas e Práticas Culturais*, Lisboa, Vega.
- Ferrão, João (1992), *Serviços e Inovação: Novos Caminhos para o Desenvolvimento Regional*, Oeiras, Celta Editora.
- Ferreira, António Casimiro, e Hermes A. Costa (1998/1999), "Para uma sociologia das relações laborais em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52-53, pp. 141-171.
- Ferreira, J. M. Carvalho (no prelo), "Trabalho, precariedade do emprego e emergência histórica do terceiro sector", em *O Modelo Latino de Protecção Social: Reflexões sobre o Estado-Providência em Portugal, Espanha e Brasil*, Lisboa, Socius/CISEP/CEDIN.
- Ferreira, J. M. Carvalho, Rafael Marques, João Peixoto, e Rita Raposo (orgs.) (1996), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora.
- Fligstein, Neil (2001), *The Architecture of Markets*, Princeton, Princeton University Press.
- Freire, João (1991), "Uma economia mais democrática? (Nota de pesquisa)", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 9, pp. 161-166.
- Freire, João (1997), *Variações sobre o Tema Trabalho*, Porto, Afrontamento.
- Freire, João (1998) "Empresas e organizações: mudanças e modernização", em J. M. Leite Viegas e A. F. Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp. 285-309, 2.ª edição.
- Freire, João (2002), "Contributos para uma sociologia da vida económica em Portugal no final do século", *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia (edição em CD-ROM).
- Gonçalves, Carlos M. (1996), "A profissão de economista: notas de investigação", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 152-167.
- Gonçalves, Carlos M. (1998), *Divisão Social do Trabalho e Evolução das Profissões*, Porto, Universidade do Porto.
- Graça, João Carlos (2002), *As Ideias Económicas e Sociais de José Frederico Laranjo*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Granovetter, Mark (1985), "Economic action and social structure: the problem of embeddedness", *American Journal of Sociology*, 91 (3), pp. 481-510.
- Granovetter, Mark, e Richard Swedberg (orgs.) (2001), *The Sociology of Economic Life*, Boulder, Westview, 2.ª edição.
- Guerreiro, Maria das Dores (1996), *Famílias na Actividade Empresarial: PME em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Heilbron, Johan (1999), "Economic sociology in France", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 1 (1), pp. 4-9.
- Heilbron, Johan (2001), "Economic sociology in France", *European Societies*, 3 (1), pp. 41-67.
- Izquierdo, Javier (2001), "Less is more: economic sociology in Spain", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 2 (3), pp. 13-20.

- Jerónimo, Helena (2002), *Ciência e Religião na Revista dos Jesuítas Portugueses (Brotéria, 1985-2000)*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Korver, Ton (2001), "Economic sociology in the Netherlands", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 2 (2), pp. 2-8.
- Kovács, Ilona (1985), "Economia e sociologia na era da incerteza: do conflito à cooperação", *Estudos de Economia*, 5 (4), pp. 441-451.
- Kovács, Ilona (2002), *As Metamorfoses do Emprego: Ilusões e Problemas da Sociedade da Informação*, Oeiras, Celta Editora.
- Kovács, Ilona, e Juan José Castillo (1998), *Novos Modelos de Produção: Trabalho e Pessoas*, Oeiras, Celta Editora.
- Lévesque, Benoît, Gilles L. Bourque, e Éric Forgues (orgs.) (2001), *La Nouvelle Sociologie Économique*, Paris, Desclée de Brouwer.
- Lima, Marinus Pires de, e outros (1992), *A Acção Sindical e o Desenvolvimento*, Lisboa, Salamandra.
- Lisboa, Manuel (2002), *A Indústria Portuguesa e os seus Dirigentes*, Lisboa, Educa.
- Lobo, Isabel de Sousa (1985), "Estrutura social e produtiva e propensão à subterraneidade no Portugal de hoje", *Análise Social*, 21 (87-88-89), pp. 527-562.
- Lopes, João Teixeira (1998), "Sociabilidade e consumos culturais: contributos para uma sociologia da fruição cultural", *Sociologia*, 8, pp. 179-188.
- Louçã, Francisco (1997), *Turbulence in Economics: An Evolutionary Appraisal of Cycles and Complexity in Historical Processes*, Edward Elgar.
- Louçã, Francisco, e Mark Perlman (orgs.) (2000), *Is Economics an Evolutionary Science? The Legacy of Thorstein Veblen*, Cheltenham, Edward Elgar.
- Lourenço, Nelson (1991), *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Fragmentos.
- Lucena, Manuel de, e Carlos Gaspar (1991), "Metamorfoses corporativas? Associações de interesses económicos e institucionalização da democracia em Portugal (I e II)", *Análise Social*, 26 (114 e 115).
- Makler, Harry Mark (1969), *A "Elite" Industrial Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marques, Maria Manuel Leitão, e António Casimiro Ferreira (1991), "A concertação económica e social: a construção do diálogo social em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 31, pp. 11-41.
- Marques, Maria Margarida (1999), "Attitudes and threat perception: unemployment and immigration in Portugal", *South European Society and Politics*, 4 (3), pp. 184-205.
- Marques, Rafael (2002a), *As Dádivas de Medeia: Por uma Teoria das Formas de Reciprocidade*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Marques, Rafael (2002b), "As disposições e a dádiva: uma crítica do económico em Pierre Bourdieu", *Economia e Sociologia*, 74, pp. 29-58.
- Marques, Rafael, e João Peixoto (orgs.) (2003), *A Nova Sociologia Económica: Uma Antologia*, Oeiras, Celta Editora.
- Marques, Rafael, e João Peixoto (no prelo), "Perfumes europeus: a sociologia económica no velho continente", *Socius Working Papers*.
- Matos, Cristina (1996), "Para uma sociologia económica do consumo", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 56-65.

- Medeiros, Fernando (1992), "A formação do espaço social português: entre a 'sociedade-providência' e uma CEE providencial", *Análise Social*, 27 (118-119), pp. 919-941.
- Mingione, Enzo (1997), *Sociologia della Vita Economica*, Roma, Carocci.
- Mónica, Maria Filomena (1982), *A Formação da Classe Operária Portuguesa: Antologia da Imprensa Operária (1850-1934)*, Lisboa, F. C. Gulbenkian.
- Mónica, Maria Filomena (1990), *Os Grandes Patrões da Indústria Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Moniz, António Brandão (1992), *Processos de Mudança Tecnológica e Organizacional na Indústria Portuguesa*, Lisboa, FCSH/UNL.
- Moniz, António Brandão, e I. Kovács (1997), *Evolução das Qualificações e das Estruturas de Formação em Portugal*, Lisboa, IEFP.
- Moreira, Amílcar (2001), *A Inserção Profissional dos Beneficiários do RMG*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Moreira, José Manuel (1986), "Crise económica e (cons)ciência económica", *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, pp. 139-154.
- Nollert, Michael (2002), "Economic sociology in Europe: Switzerland", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 3 (3), pp. 53-60.
- Nunes, A. Sedas (1963), "A perspectiva sócio-cultural do desenvolvimento económico", *Análise Social*, 1 (3), pp. 375-401.
- Nunes, A. Sedas (1964), "Portugal: sociedade dualista em evolução", *Análise Social*, 2 (7-8), pp. 407-462.
- Nunes, João Arriscado (1993), "Polanyi revisitado: modos de regulação, inovação tecnológica e contra-movimento protector na era do capitalismo desorganizado", em AA.VV., *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, Lisboa, Editorial Fragmentos, pp. 97-114.
- Nunes, João Arriscado (1994), "A poética e a política da ciência económica: para uma sociologia da economia", *Notas Económicas*, 2, pp. 98-108.
- Nunes, João Arriscado (1995), "Com mal ou com bem, aos teus te atém: as solidariedades primárias e os limites da sociedade-providência", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, pp. 5-25.
- Nunes, João Arriscado (1996), "Economia e cultura pública: a ciência económica em acção", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 127-151.
- Nunes, João Arriscado (1998), "A 'ciência dos recursos naturais' e a reconversão da economia: zonas de transacção e objectos de fronteira", *Oficina do CES*, 109.
- Oppenheimer, Jochen (1996), "Alternativas à economia convencional", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 120-126.
- Peixoto, João (1999), *A Mobilidade Internacional dos Quadros: Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Peixoto, João, e Rafael Marques (2001), "Economic sociology in Europe: Portugal", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 3 (1), pp. 24-30.
- Pereira, Paulo Trigo (1996), "A acção colectiva voluntária e o papel do Estado", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 168-183.

- Pereira, Paulo Trigo, Nuno Silva, e João Andrade e Silva (2002), "Positive and negative reciprocity in labor market", Working Paper 2002/3, Departamento de Economia, Lisboa, ISEG, UTL.
- Pereirinha, José (1996), "Pobreza e exclusão social: algumas reflexões sobre conceitos e problemas de medição", em J. M. C. Ferreira e outros (orgs.), *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 208-232.
- Radaev, Vadim V. (2000), "The market as an object of sociological investigation", *Russian Social Science Review*, 41 (5), pp. 23-38.
- Raposo, Rita (2002), *Novas Paisagens: a Produção Social de Condomínios Fechados na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Reis, José (1992), *Os Espaços da Indústria: a Regulação Económica e o Desenvolvimento Local em Portugal*, Porto, Afrontamento.
- Reis, José (1997), "O Estado e a economia: novas e velhas questões", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 21, pp. 9-27.
- Rodrigues, Carlos Farinha (1994), "Repartição do rendimento e desigualdade em Portugal nos anos 80", *Estudos de Economia*, 14 (4), pp. 377-398.
- Rodrigues, Maria João (1988), *O Sistema de Emprego em Portugal: Crise e Mutações*, Lisboa, Dom Quixote.
- Rodrigues, Maria João, e Marinús Pires de Lima (1987), "Trabalho, emprego e transformações sociais: trajectórias e dilemas das ciências sociais em Portugal", *Análise Social*, 23 (95), pp. 119-149.
- Rodrigues, Maria de Lurdes dos (1999), *Os Engenheiros em Portugal: Profissionalização e Protagonismo*, Oeiras, Celta Editora.
- Róna-Tas, Ákos (2002), "Economic sociology in Europe: Hungary", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 3 (2), pp. 32-39.
- Rosa, Maria Teresa (1998), *Relações Sociais de Trabalho e Sindicalismo Operário em Setúbal*, Porto, Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa (1985), "Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português", *Análise Social*, 21 (87-88-89), pp. 869-901.
- Santos, Maria João (2001), *Estratégias Empresariais e Processos de Modernização: O Caso do Complexo Produtivo do Calçado*, Lisboa, ISEG/UTL.
- Santos, Maria de Lurdes Lima dos (org.) (1995), *Cultura e Economia*, Lisboa, ICS.
- Serra, Helena (2000), "Tecnocracias médicas: a construção de práticas e estratégias médicas em torno da tecnologia", *Socius Working Papers*, 4/2000, Lisboa, ISEG/UTL.
- Silva, Manuela (org.), e outros (1989), *Empresários e Gestores da Indústria em Portugal*, 2 volumes, Lisboa, CISEP / UTL, Instituto Superior de Economia.
- Smelser, Neil, e Richard Swedberg (1994), *The Handbook of Economic Sociology*, Princeton, Princeton University Press.
- Sousa, Alfredo de (1968), "A evolução da sociedade portuguesa e a 'classe dos diplomados'", *Análise Social*, 6 (22-23-24), pp. 475-491.
- Sousa, Alfredo de (1969), "O desenvolvimento económico e social português: reflexão crítica", *Análise Social*, 7 (27-28), pp. 393-419.
- Steiner, Philippe (1999), *La Sociologie Économique*, Paris, La Découverte.

- Stoleroff, Alan (1992a), "Sobre a sociologia do trabalho em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 11, pp. 135-150.
- Stoleroff, Alan (1992b), "Sobre a sociologia do trabalho em Portugal: evolução e perspectiva", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 12, pp. 155-169.
- Torres, Adelino (1996), *Demografia e Desenvolvimento: Elementos Básicos*, Lisboa, Gradiva.
- Torres, Adelino (1998), "A economia como ciência social e moral (algumas observações sobre as raízes do pensamento económico neoclássico: Adam Smith ou Mandeville?)", *Revista Episteme*, Ano I, 2, pp. 95-122.
- Triglia, Carlo (1998), *Sociologia Economica: Stato, Mercato e Società nel Capitalismo Moderno*, Bolonha, Il Mulino.
- Varanda, Marta (2002), "Os projectos de urbanismo comercial: a difusão de uma inovação", *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia (edição em CD-ROM).
- Variz, Paulo Eurico (1998), *Fundamentos Económicos e Sociológicos das Instituições Particulares de Solidariedade Social*, Lisboa, Editora Vulgata / Associação Portuguesa de Segurança Social.
- Viseu, José Peixoto (2001), "The sport consumption in Portugal", *16.ª Conferência Anual da North American Society for Sport Management*, Virginia Beach, VA, USA, 29 de Maio a 3 de Junho.
- White, Harrison (1981), "Where do markets come from?" *American Journal of Sociology*, 87, pp. 517-547.
- Yakubovich, Valery, e Sveta Yaroshenko (2000), "Economic sociology in Russia", *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 1 (3), pp. 24-28.

João Peixoto e Rafael Marques. Sociólogos, investigadores no Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (Socius), docentes no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Universidade Técnica de Lisboa.
E-mail: jpeixoto@iseg.utl.pt; marques@iseg.utl.pt.